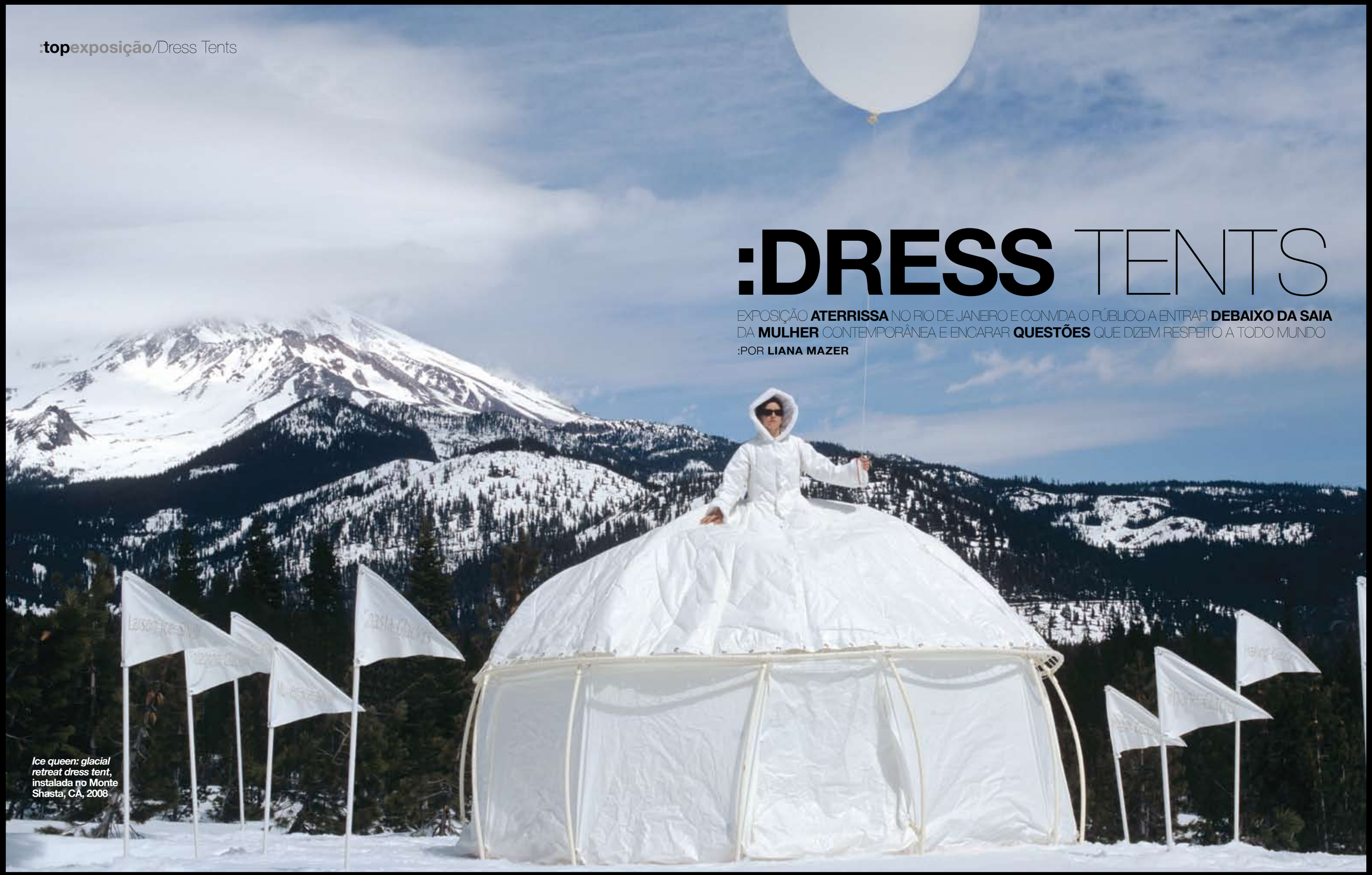

:DRESS TENTS

EXPOSIÇÃO **ATERRISSA** NO RIO DE JANEIRO E CONVIDA O PÚBLICO A ENTRAR **DEBAIXO DA SAIA** DA **MULHER** CONTEMPORÂNEA E ENCARAR **QUESTÕES** QUE DIZEM RESPEITO A TODO MUNDO

:POR **LIANA MAZER**

***Ice queen: glacial retreat dress tent*, instalada no Monte Shasta, CA, 2008**

Em um primeiro momento admira-se a ideia inusitada de criar vestidos que parecem barracas e a beleza da composição nas fotografias, o que já vale a visita. Mas não demora muito para algumas curiosidades começarem a surgir, como "por que vestidos-barraca?", "há alguma coisa dentro deles?", "que lugares são esses em que foram fotografados?". O espectador então descobrirá que cada um deles tem a intenção de despertar questionamentos sobre uma série de tópicos correntes da vida contemporânea e que cada detalhe, tanto das instalações como das fotografias, foi pensado para que isso acontecesse. "Estamos tentando de forma lúdica provocar o espectador a questionar suas próprias experiências e sua relação com os temas diversos que exploramos com cada uma das peças", explicam as americanas Robin Lasser e Adrienne Pao, autoras do projeto *Dress tents: nomadic wearable architecture*, que desembarca na Caixa Cultural do Rio de Janeiro no dia 27 de julho e fica até 6 de setembro. Esses temas têm a ver com o que está acontecendo na cultura pop e na política ou com algum novo pensamento relacionado ao meio ambiente: "Percebemos que determinado assunto não sai de nossas cabeças e conversas e então nos damos conta de que queremos criar uma Dress Tent para investigá-lo", dizem.

Em 2007, por exemplo, elas criaram a *Green house dress tent*, para comentar a repentina moda de ser "verde", e também perguntar o que é necessário para ser ecologicamente correto na cultura contemporânea e abrir os olhos para o papo furado. "Construímos essa espécie de estufa e colocamos uma porção de flores mecânicas que reagem ao som. Elas ficam dançando à canção que criamos que fala coisas do tipo "você é verde?", "você dirige um híbrido?", conta Robin, 53, professora de Arte da San Jose State University. "Estamos sempre brincando com a mentalidade política do momento, criamos algo mágico, mas cheio de significado", completa Adrienne, 34, também professora, do San Francisco Art Institute.

As duas artistas se conheceram em 2002, ano em que Adrienne participou de um seminário de graduação ministrado por Robin. Esta propôs uma residência artística no lixão de San Francisco (San Francisco Sanitary Fill) durante a qual as duas descobriram seu interesse comum em criar arte preocupada com assuntos sociais e ambientais. "No final do dia, só sobrávamos nós duas trabalhando e fotografando", lembra Adrienne. A ideia do Dress Tents surgiu em 2004, quando estavam em Nova York exibindo um outro trabalho em conjunto e decidiram visitar a Whitney Biennial daquele ano. Lá, viram um desenho da também americana Amy Cutler (cujo trabalho tem muito de realismo fantástico) pelo qual se apaixonaram e que as encheu de inspiração: "Nós sentimos uma imensa vontade de transformar todos os sentimentos e ideias que vieram naquele momento em algo palpável". Em pouco tempo definiram que a plataforma deveria ser sempre um vestido, para enfatizar um ponto de vista feminino sobre os assuntos; que a paisagem em que seriam fotografados deveria acrescentar significado aos vestidos e que os tecidos deveriam ser escolhidos ou por sua textura, para que se misturasse à paisagem como um camaleão ou por suas referências culturais.

"ESTAMOS SEMPRE **BRINCANDO** COM A **MENTALIDADE** POLÍTICA DO MOMENTO. CRIAMOS ALGO **MÁGICO**, MAS CHEIO DE **SIGNIFICADO**"

Ainda em 2004, elas produziram mais cinco obras, com assuntos como "cultura da praia", exibicionismo e desejo, tema que permeia todo o projeto. Falam também dos papéis sociais da mulher ao longo dos anos, com a *Picnic dress tent*. Esta é a única instalação que virá para a exposição na Caixa Cultural, junto com 12 fotografias. No dia da inauguração, ela deve ser vestida por uma das artistas, que em galerias e museus costumam fazer performances, transformando as peças em esculturas vivas.

Em 2005, foram materializadas mais seis, com destaque para a *Eco-tourism dress tent*, que analisa o impacto do turismo numa região, e para a *Miss homeland security – the illegal entry dress tent*, criada para questionar a política de segurança adotada pelo ex-presidente norte-americano George W. Bush depois do 11 de setembro. "Moramos na Califórnia, onde há muitos imigrantes ilegais. Esse é um tema muito presente para nós." Obviamente foi fotografada em frente às grades de fronteira entre México e EUA. A estrutura tem cerca de quatro metros de altura e a escolha de um vestido camuflado e decotado passa uma presença militar imponente, mas também feminina, sexy: "Trabalhamos com desejo, que é um componente primário para a travessia de fronteiras, com a relação entre sexo e violência, e causamos um sentimento dúbio. Você não sabe se se sente protegido ou violado por ela. Há uma tensão quando você entra debaixo de sua saia, pois não sabe se encontrou conforto e abrigo ou se está entrando em uma armadilha", diz Robin. "Há uma série de questões relacionadas ao público e ao privado com que o espectador tem de ligar quando ele se depara com uma de nossas instalações. Ele pergunta "eu posso mesmo entrar debaixo da saia dela?", conta Adrienne.

A mais recente criação é de 2008, a majestosa *Ice queen – glacial retreat dress tent*, que foi fotografada em um lugar na Califórnia chamado Mount Shasta, sobre uma das raras geleiras do mundo que estão aumentando ao invés de diminuir. Foram colocadas bandeiras ao seu redor para homenagear as geleiras que estão derretendo, e em sua mão há um balão meteorológico, para

Da esq. para a dir., *Picnic dress tent* (em acostamento de grama da Rodovia 5, perto de Tracy, CA), 2005; *Green house dress tent* (em uma estufa em Richmond, CA), 2007; exposição no Centro Cultural Recoleta, em Buenos Aires, 2006; *Lava tube top dress tent* (na cratera do vulcão Kilauea), 2004

A artista Robin Lasser faz performance da *Ms. homeland security - illegal entry dress tent* (2005) no San Jose Museum of Art, em San Jose, CA. Na pág. ao lado, *On safari dress tent* (no Parque Estadual de Castle Rock, Santa Cruz, CA), 2005

lembrar-nos do porquê isso está acontecendo. E não para por aí. O balão é equipado com uma pequena câmera de vídeo que transmite as informações do ambiente externo para dentro da tenda, onde o visitante também ouve barulhos de cigarras. E o que esses insetos tem a ver com geleiras? As artistas explicam: "Descobrimos que cigarras são como termômetros, quanto mais quente mais rápido e alto é o seu som, então fizemos com que elas cantassem as variações de temperatura nos últimos anos".

A **PLATAFORMA** É SEMPRE UM **VESTIDO**, PARA ENFATIZAR UM PONTO DE VISTA **FEMININO**, E A **PAISAGEM** DEVE ACRESCENTAR SIGNIFICADO

Além das inovações tecnológicas, a *Ice queen* também será a primeira a ser apresentada em uma performance de movimento, que será realizada pela coreógrafa Cara Spooner na *Nuit blanche*, a *Virada cultural* de Toronto, no Canadá, em outubro. "Vai ser muito interessante essa experiência, porque sempre pensamos as instalações como esculturas vivas e agora o movimento vai se unir ao aspecto físico para transmitir a ideia inerente à *Ice queen*", comenta Robin.

Em todas as instalações, as próprias artistas desenham, fotografam, filmam e, na maioria dos casos, são também as modelos. Além de si próprias, contam apenas com suas fiéis costureiras, Sasha Rieker, Kimo Pledger e Elly Azaria. Como ao longo dos anos as estruturas foram ficando mais complexas, atualmente as artistas só produzem uma por ano. A de 2009 já está em andamento, a *Dirty shower dress tent*, que terá um chuveiro de verdade dentro de sua saia (o projeto pode ser visto no site www.dresstents.com). A ideia é discutir o uso e a reciclagem da água, um bem tão importante e cada vez mais escasso, mas de um jeito divertido. "A água está correndo sem parar, mas ela se recicla, e, ao mesmo tempo, você ouve vozes femininas cantando no chuveiro sobre o uso da água", adianta Robin.

Mas com o sucesso do projeto e como assuntos não vão faltar é bem provável que a coleção, que hoje conta com 16 Dress Tents, ainda cresça bastante. Para a surpresa das próprias artistas, que não haviam se dado conta de que cinco anos já se passaram desde que tudo começou. "Nós não fazíamos a menor ideia de que continuaríamos interessadas nesse projeto por tanto tempo", comentam elas, que já viajaram com seus vestidos-tenda para várias cidades dos EUA, China e agora estão muito animadas com a vinda ao Brasil. Robin e Adrienne estavam em contato com as empresas responsáveis por sua vinda, a Doble Cultura + Social e a Agenda Projetos Culturais desde 2006 e não veem a hora de conhecer o Brasil: "Queremos conhecer artistas, estilistas, pessoas ligadas à cultura e trocar ideias. Queremos fazer uma obra para o Brasil!"

O entusiasmo é o mesmo quando falam de seus trabalhos paralelos, em colaboração com outros artistas ou individualmente. No momento, Robin está trabalhando em uma instalação chamada *A sala de espera*, em colaboração com Marguerite Perret e Stephanie Lanter, que analisa e critica a forma como a saúde da mulher é tratada na sociedade ocidental. Já Adrienne está ocupada com dois projetos fotográficos no Havaí, um de retratos de sua família e outro em que trabalha com a paisagem local. É interessante observar como separadas trabalham com temas bem diferentes. Mas o importante é que têm em comum a forma de pensar a arte. Não querem ser maiores do que ela nem impor suas opiniões, e sim criar diálogos. O